

REALIDADE VIRTUAL NA NEUROREABILITAÇÃO: PERSPECTIVAS NO PROGNÓSTICO DE AVE ODS 3

Maria Eduarda Quadt Ferreira (Universidade de Taubaté)
Maria Eduarda Cantelmo Alvares (Universidade de Taubaté)
Lavinia de Souza Shiraishi (Universidade de Taubaté) Lucas
Ribeiro Nerys (Universidade de Taubaté)
Marina Mazagão da Cunha (Universidade de Taubaté)
Nelson Migani (Universidade de Taubaté)

O Acidente Vascular Encefálico (AVE) é uma das principais causas de incapacidade funcional no mundo, conforme destacado no artigo *Realidade Virtual na Neuroreabilitação: Uma Revisão Geral de Meta-Análises* (Voinescu, Sui & Fraser, 2021). A reabilitação pós-AVE é fundamental para a recuperação das funções motoras, cognitivas e sensoriais comprometidas, exigindo abordagens terapêuticas inovadoras e eficazes. Nesse contexto, a realidade virtual (RV) vem ganhando espaço como recurso terapêutico desde 2004, quando foi publicado o primeiro ensaio clínico randomizado sobre o tema. Desde então, sua aplicação tem se ampliado, oferecendo novas perspectivas prognósticas para pacientes acometidos por AVE. A criação de ambientes tridimensionais imersivos favorece a neuroplasticidade ao fornecer feedback multi sensorial – visual, auditivo e tátil – essencial para o desenvolvimento do córtex sensorio-motor, área responsável pelo planejamento e execução de movimentos voluntários. Além de estimular a reorganização cerebral, a RV possibilita maior engajamento do paciente ao simular atividades cotidianas e adaptar os exercícios de acordo com o perfil individual, o que aumenta a adesão e a eficácia do tratamento. Evidências apontam benefícios significativos na recuperação motora, no equilíbrio, na marcha e nas atividades de vida diária, refletindo em maior funcionalidade e qualidade de vida. Este estudo tem como objetivo discutir o papel da RV na reabilitação de indivíduos após AVE, por meio de uma revisão narrativa da literatura. Foram consultadas as bases de dados PubMed, SciELO e Science Direct, entre 2020 e 2025. Foram excluídos artigos não relacionados à temática proposta. Apesar dos resultados promissores, a literatura ainda apresenta heterogeneidade metodológica. Isso reforça a necessidade de considerar a RV como complemento às terapias convencionais, potencializando seus efeitos, ampliando possibilidades de tratamento. Dessa forma, a realidade virtual se mostra um recurso inovador e promissor na reabilitação pós-AVE, capaz de favorecer a neuroplasticidade, melhorar a recuperação funcional e aumentar o engajamento dos pacientes. Os achados da literatura indicam que sua integração aos métodos convencionais potencializa os efeitos terapêuticos, amplia as possibilidades de tratamento e reforça a importância de investimentos contínuos em pesquisas nesta área em desenvolvimento.

Palavras-chave: Acidente vascular encefálico (AVE); Realidade virtual;

Neuroplasticidade; Prognóstico; Qualidade de vida.